

Censo conturbado coloca em risco a qualidade dos dados



Recenseador Wesley Mendonça, em Higienópolis, São Paulo



**Fora de hora**

Trabalho de campo, que se arrasta por quase seis meses, deveria ter sido feito entre 1.º de agosto e o fim de outubro

DANIELA AMORIM  
VINICIUS NEDER  
RIO  
JOÃO SCHELLER  
SÃO PAULO

Sentado na sauna de um condomínio em Higienópolis, bairro nobre do centro de São Paulo, o recenseador Wesley Mendonça, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), passou quatro horas interfonando para todos os apartamentos para convocar os moradores a responder o questionário do Censo Demográfico de 2022. O local escolhido para o trabalho pode parecer estranho, mas o processo foi produtivo, segundo ele. Mendonça aproveitou o entra e sai do local para coletar as informações de que precisava, enquanto os moradores “relaxavam”.

O resultado, porém, tem sido exceção. Até a quinta-feira passada, quando o *Estadão* acompanhou o trabalho de Mendonça, apenas um terço dos apartamentos havia respondido o questionário. Ao todo, os recenseadores podem ir cinco vezes a um mesmo endereço, em horários diferentes, para tentar levantar as informações.

“Existe uma certa desconfiança sobre qualquer coisa que o poder público faz, mas há também uma falta de conhecimento”, disse o recenseador de 24 anos, ressaltando que os questionamentos podem ser feitos em cerca de um minuto.

Só que não era para Mendonça estar ali nesta época do ano. O trabalho de campo do Censo, que já se arrasta por quase seis meses, deveria ter sido feito entre 1.º de agosto e o fim de outubro passado. Mesmo depois desse tempo todo, ainda falta a cobertura de 13,5% dos “setores censitários”, divisão operacional do território para organizar as visitas domiciliares. Até agora, o IBGE contou 184,3 milhões de brasileiros, enquanto uma estimativa feita com base em uma prévia do Censo 2022 apontou para uma população total de 207,8 milhões.

— Operação tem verba cortada em R\$ 800 mi; falta de recenseadores atrasa coleta de informações

# Censo conturbado põe dados em risco

**DIFICULDADES.** A resistência das pessoas é um obstáculo, mas fica mais restrita às famílias mais ricas, contingente relativamente pequeno em relação ao total da população. Desde que começou a informar sobre a prorrogação do trabalho de campo, o IBGE apontou dificuldade em contratar recenseadores — que, como em todos os Censos, são temporários — como principal entrave.

A diretoria do IBGE tem culpa do aquecimento do mercado de trabalho, que surpreendeu ao gerar mais empregos ao longo do ano passado do que o inicialmente esperado, pela dificuldade

em recrutar recenseadores (*mais informações na pág. C7*).

Desde o início do trabalho de campo, reclamações sobre a remuneração baixa e a demora no pagamento fizeram muitos dos profissionais recrutados abandonarem o serviço, além da ameaça de uma greve. O IBGE tem dito que correu para ajustar valores, mas foi insuficiente. Eduardo Rios Neto, presidente do IBGE em 2021 e 2022, lembrou que, como nunca antes, as redes sociais espalharam a insatisfação dos recenseadores, afastando interessados.

Mesmo que o baixo valor da remuneração não tenha sido de-

terminante para afastar os recenseadores, a crônica de cortes no orçamento do Censo é longa. Os técnicos do IBGE orçaram inicialmente a operação censitária em R\$ 3,1 bilhões para que ocorresse em 2020. No contexto da transição para o governo Bolsonaro, a verba acabou cortada para R\$ 2,3 bilhões, e os questionários foram enxugados. O sindicato dos servidores, o Assibge, avalia que o orçamento inicialmente proposto precisaria ser corrigido pela inflação para R\$ 3,7 bilhões.

Os atrasos poderão prejudicar a qualidade dos dados, segundo especialistas ouvidos

pelo *Estadão/Broadcast*. “Você tem de fazer a coleta concentrada em dois meses, mais um mês para o rescaldo. Quanto mais longe da data-base, mais fracas são as informações. Se somar isso a uma rede de recenseadores enfraquecida, com treinamento limitado, as chances de você ter uma base de dados ruim é muito grande. É muito preocupante fazer uma coleta em dezembro e janeiro para uma informação referenciada em julho”, explicou Roberto Olinto, outro ex-presidente do IBGE, hoje pesquisador associado do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio



**Veículo:** Impresso -> Jornal -> Jornal O Estado de S. Paulo

**Seção:** A fundo **Caderno:** C **Página:** 6 e 7